

N. V. Gógol

**O CAPOTE  
È OUTRAS NOVELAS**

Seleção, tradução, prefácio e notas de  
**PAULO BEZERRA**

civilização



brasileira

Traduzido da edição em cinco volumes — *Sobrânie Khudójevstvennikh Proizviedênii v Piatí Tomákh* — da Editora da Academia de Ciências da URSS, Moscou, 1960.

*Copyright* © 1990 by Editora Civilização Brasileira S/A.

Desenho de capa: Tobias da Costa Jr., utilizando retrato do autor que se encontra no Museu Tretiakov, em Moscou.

ISBN: 85-200-0054-1

1990

---

Direitos de edição deste texto em língua portuguesa reservados por EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

Rua Benjamim Constant, 142

20241 — Rio de Janeiro, RJ — Tel.: (021) 221-1132

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*

# O Nariz

## 1

No dia 25 de março aconteceu em Petersburgo uma coisa muito estranha de tão fora do comum. O barbeiro Ivan Iákovlievitch, que mora na Avenida Vozniessênski (perdeu-se o sobrenome e o letreiro em que aparece um cidadão com o rosto cheio de sabão leva apenas a inscrição: *e também se sangra*), o barbeiro Ivan Iákovlievitch acordou bem cedo e sentiu o cheiro de pão quente. Soerguendo-se na cama, viu que sua mulher, dama de bastante respeito, grande apreciadora de café, tirava do forno o pão que acabava de assar.

“Hoje eu não vou tomar café, Prascóvia Óssipovna, em vez disto quero um pãozinho quente com cebola. (Ora, o que Ivan Iákovlievitch queria mesmo era ambas as coisas, mas sabia que era completamente impossível exigir duas coisas ao mesmo tempo, pois Prascóvia Óssipovna não gostava nada desses caprichos.) “Pode comer pão, seu idiota, para mim é até melhor — pensou ela —, ficarei com mais café.” E jogou um pão sobre a mesa.

Por questão de decência, Ivan Iákovlievitch pôs um fraque por cima da camisa e, sentando-se à mesa, descascou duas cabeças de cebola, polvilhou-as de sal, pegou uma faca e, com

ar imponente, começou a cortar o pão. Cortou o pão ao meio, olhou o miolo e, para a sua surpresa, notou uma coisa esbranquiçada. Ivan Iákovlievitch cutucou cuidadosamente a coisa com a ponta da faca e apalpou-a com o dedo: “É dura! — disse para si mesmo —, o que será isso?”

Enfiou o dedo e arrancou — um nariz!... Ivan Iákovlievitch ficou boquiaberto; pôs-se a esfregar os olhos e apalpou a coisa: um nariz, um nariz de verdade! E mais, parecia ser de algum conhecido. A imagem do pavor estampou-se em seu rosto. Mas esse pavor nada significava em comparação com a fúria que tomou conta de sua esposa.

— De onde é que você achou de arrancar esse nariz, seu animal? — gritou ela furiosa. — Vigarista! Beberrão! Eu mesma vou denunciá-lo à polícia. Bandoleiro! Já ouvi de três pessoas que, quando você está barbeando, mexe tanto com os narizes que a custo eles conseguem se manter.

Mas Ivan Iákovlievitch estava mais morto do que vivo. Sabia que esse nariz não era de outra pessoa senão do assessor de colégio Kovaliov, que ele barbeava todas as quartas e domingos.

— Espere, Prascóvia Óssipovna! Vou envolvê-lo num trapo e colocá-lo naquele canto: que fique algum tempo lá; depois eu o levarei.

— Não quero nem ouvir falar nisso! Eu, permitir que fique no meu quarto um nariz amputado?... A única coisa que você sabe fazer, sua béstia, é passar a navalha no assentador, e logo chegará o dia em que não será mais capaz de cumprir com a obrigação. Depravado, patife! E eu que responda à polícia por você, não é?... Sujo! Toupeira! Tome-o, leve-o para onde quiser! Que eu não veja nem o cheiro dele!

Ivan Iákovlievitch se sentia como um verdadeiro morto. Pensava, pensava, mas não conseguia refletir. “O diabo sabe como isso pôde acontecer — disse finalmente, coçando a orelha. — Será que ontem eu cheguei bêbado em casa? Não posso saber. Tudo indica que deve ser um acontecimento impossível: pão é uma coisa que se assa, mas nariz é algo bem diferente. Não consigo atinar nada!...”

Ivan Iákovlievitch calou-se. Ao pensar que a polícia encontraria o nariz em sua casa e o acusaria, perdia completa-

mente a cabeça. Já via diante de si aquela gola purpúrea, com um belo ornamento de prata, a espada... e tremia todo. Por fim apanhou sua roupa interna e as botas, jogou toda essa porcaria em cima do corpo e, acompanhado por recomendações pouco agradáveis da sua esposa, embrulhou o nariz num trapo e saiu para a rua.

Queria metê-lo em algum lugar: enfiá-lo num frade do portão ou dar um jeito de deixá-lo cair acidentalmente e depois dobrar um beco. Mas por azar deu de cara com um conhecido que foi logo perguntando: "Aonde vai?", ou "Quem você resolveu barbear tão cedo?", de sorte que não havia jeito para Ivan Iákovlievitch encontrar o momento propício. Noutra ocasião ele já o havia deixado cair, mas um sentinela fez sinal de longe com a sua alabarda, acrescentando: "Apanha! Deixaste cair alguma coisa!" E Ivan Iákovlievitch teve de apanhar o nariz e escondê-lo no bolso. O desespero se apoderou dele, ainda mais porque os transeuntes se multiplicavam sem cessar na rua à medida que se iam abrindo lojas e armazéns.

Resolveu tomar a direção da ponte Issakiévski: quem sabe se acharia um jeito de atirar o nariz no rio Nievá?... Bem, eu tenho certa culpa de nada ter dito até agora sobre Ivan Iákovlievitch, homem respeitável sob muitos aspectos.

Ivan Iákovlievitch, como todo artesão russo que se preza, era um tremendo beberão. E, embora barbeasse queixos alheios todos os dias, o seu estava sempre por barbear. Tinha um fraque (nunca andava de sobrecasaca) manchado, ou melhor, preto, mas cheio de nódoas amareladas e acinzentadas; a gola brilhava de suja e, no lugar dos três botões, apenas fiapos apareciam caídos. Era muito cínico, e, quando barbeava o assessor Kovaliov, e este lhe dizia sempre: "Tuas mãos, Ivan Iákovlievitch, estão sempre fedendo!", limitava-se a responder com uma pergunta: — "E por que elas teriam de feder?" — "Não sei, meu amigo, sei apenas que fedem" — dizia o assessor de colégio — e Ivan Iákovlievitch, depois de cheirar tabaco, dava-lhe um castigo, besuntando-lhe de espuma o pescoço, o nariz, as orelhas, o queixo, em suma, tudo que lhe dava na telha.

Esse respeitável cidadão já se encontrava na ponte Issakiévski. Antes de tudo examinou ao redor; depois debruçou-

se no parapeito como quem pretende olhar o que há debaixo da ponte, se havia muitos peixes correndo, e lançou cuidadosamente o trapo com o nariz. Sentiu-se como quem acaba de se livrar de um fardo de dez arrobas. Já estava até sorridente. Ao invés de ir barbear os queixos dos funcionários, foi para um recinto onde havia o letreiro "Comida e chá", a fim de tomar um copo de ponche, mas de repente notou na outra extremidade da ponte um guarda de bairro de fisionomia nobre, de largas costeletas, de chapéu triangular e espada. E ficou estupefato: enquanto isso o guarda lhe fazia sinal com o dedo, dizendo:

— Venha cá, meu caro!

Conhecendo as maneiras, Ivan Iákovlievitch tirou ainda à distância o boné e, aproximando-se com presteza, disse:

— Saúdo Sua Excelência!\*

— Não, meu caro, nada de Excelência; o melhor é ir dizendo o que fazia em pé ali na ponte.

— Juro, senhor, juro que estava indo barbear e apenas fiquei olhando se o rio estava correndo rápido.

— Mentira, mentira! Não pense que vai escapar assim. Tenha a bondade de responder.

— Posso barbear sua Senhoria duas e até três vezes por semana sem qualquer objeção.

— Não, meu caro, isso é besteira. Três barbeiros me fazem a barba e ainda acham isso uma grande honra. Agora vá me dizendo o que fazia ali parado?

Ivan Iákovlievitch empalideceu... Mas neste ponto uma névoa encobre completamente a ocorrência e não se sabe absolutamente nada do que aconteceu em seguida.

\* O termo 'Excelência' é aqui empregado apenas para maior harmonia do texto em português, pois o termo russo *blagoródie*, que era usado na velha Rússia como título conferido a oficiais e funcionários públicos equivalentes, não encontra semelhante entre nós (N. do T.).

O assessor Kovaliov acordou bastante cedo e fez um “brr...” com os lábios como sempre fazia quando acordava, embora ele mesmo não pudesse entender por que motivo. Kovaliov espreguiçou-se, ordenou que lhe trouxessem um pequeno espelho que estava em pé sobre a mesa. Queria ver uma borbulha que lhe aparecera no nariz na noite da véspera; mas, para a sua imensa surpresa, viu que o lugar onde antes havia um nariz estava inteiramente plano! Assustado, Kovaliov ordenou que lhe trouxessem água e limpou os olhos com uma toalha: de fato, está faltando o nariz! Começou a apalpar para ver se não estava dormindo: parece que não. O assessor de colégio Kovaliov saltou da cama, sacudiu-se: nada de nariz!... Ordenou imediatamente que lhe trouxessem a roupa e saiu como um raio diretamente para a casa do chefe de polícia.

Mas enquanto isso é preciso dizer algumas palavras sobre Kovaliov para que o leitor veja de que espécie era esse assessor de colégio. Os assessores de colégio que recebem esse título, mediante atestado de conhecimento, de forma alguma podem ser comparados com os assessores de colégio que se fazem no Cáucaso. Trata-se de dois tipos muito especiais. Os assessores de colégio ilustrados... Mas a Rússia é um país tão esquisito que, se alguma coisa é dita sobre um assessor de colégio, todos os outros, de Riga a Kamtchatka, tomam-na forçosamente para si. O mesmo é válido para todos os títulos e categorias. — Kovaliov era um assessor de colégio tipo caucasiano\*. Assumira esse título há apenas dois anos e por isso não havia como esquecê-lo um minuto sequer; e, para dar mais ar de nobreza e importância à sua pessoa, nunca se denominava assessor de colégio: sempre se dizia major. “Escuta, minha cara — dizia

\* O assessor de colégio era uma categoria funcional de 8ª classe, equivalente à patente de major na classificação militar. Graças às arbitrariedades da administração do Cáucaso, essa patente podia ser facilmente adquirida (N. do E.).

sempre que encontrava na rua uma mulher que vendia peitinho —, venha à minha casa. Meu apartamento fica na Rua Sadóvaia. É só perguntar: é aqui que mora o Major Kovaliov? — e qualquer um te mostrará.” E, se encontrava alguma carinha bonita, dava-lhe além do mais uma ordem secreta, acrescentando: “Pergunta, meu amorzinho, onde fica o apartamento do Major Kovaliov”. — Por isso mesmo vamos nos antecipar e chamar a esse assessor de colégio *major*.

O Major Kovaliov tinha o costume de caminhar todos os dias pela Avenida Nievski. O colarinho de sua camisa sempre estava extremamente limpo e engomado. Suas costeletas eram daquelas que ainda se podem ver hoje nos agrimensores dos distritos e províncias, nos arquitetos e médicos de regimento, assim como nos chefes de diferentes funções policiais e, de um modo geral, em todos os homens que têm as faces gordas e rosadas e são bons jogadores de bóston: essas costeletas passam bem no meio das faces e chegam diretamente ao nariz. O Major Kovaliov usava na corrente do relógio uma infinidade de sinetes de cornalina, uns com brasões e outros em que estava gravado: quarta, quinta, segunda e assim por diante. O Major Kovaliov veio a Petersburgo por necessidade, isto é, veio procurar um posto à altura do seu título: se tivesse sorte, o posto de vice-governador, se não — o de administrador em algum departamento de renome. O Major Kovaliov podia até casar, contanto que a noiva tivesse duzentos mil rublos de dote. Por isso o próprio leitor já pode imaginar o estado em que ficou esse major ao ver que, ao invés de um nariz bastante razoável e comedido, havia a estúpida duma superfície plana e lisa.

Para completar o azar não havia um só fiacre na rua e ele tinha de ir a pé, envolvido no seu capote e cobrindo o rosto com um lenço para fingir que estava sangrando. “Talvez isso seja impressão minha: não é possível que esse nariz tenha desaparecido sem mais nem menos.” E entrou numa confeitaria a fim de se olhar no espelho. Por sorte não havia ninguém; garotos varriam a sala e arrumavam as cadeiras: alguns, de olhos sonolentos, levavam bolinhos quentes em bandejas; jornais da véspera se espalhavam sujos de café sobre mesas e cadeiras. “Graças a Deus não há ninguém — disse ele —, agora eu posso



dar uma olhada.” Chegou timidamente ao espelho e se olhou. “Porcaria dos diabos! — disse ele, cuspiendo... — Fosse pelo menos outra coisa em vez do nariz, ainda vá lá!...

Mordendo amargurado os lábios, saiu da confeitaria e, contrariando os seus hábitos, resolveu não olhar nem sorrir para ninguém. De repente parou como que petrificado às portas de um prédio; uma coisa inexplicável acontecia diante de seus olhos. Uma caleça parou à entrada; as portas se abriram; um cidadão saltou, inclinando-se levemente em seu uniforme, e correu escada acima. Qual não foi o horror e ao mesmo tempo o espanto de Kovaliov ao ver que aquele cidadão era o seu próprio nariz! Diante desse espetáculo incomum, tudo lhe pareceu girar aos seus olhos; sentia que só a custo conseguia se manter sobre as pernas; mas resolveu a qualquer custo esperar que o nariz regressasse e ali ficou todo trêmulo, como alguém atacado de febre. Ao cabo de dois minutos, o nariz de fato reapareceu. Vestia um uniforme costurado a ouro com uma grande gola alta, calças de camurça e uma espada do lado. Pelo seu chapéu de penacho dava para concluir que ele integrava a categoria dos conselheiros de Estado. Tudo indicava que fazia alguma visita. Olhou para ambos os lados, gritou ao cocheiro: “Partamos!”, tomou o fiacre e partiu.

O pobre Kovaliov por pouco não enlouqueceu. Não sabia nem o que pensar de tão estranha ocorrência. De fato, como era possível que um nariz que ainda ontem fizera parte de sua cara, sem poder andar ou viajar, estivesse agora de uniforme? Correu atrás do fiacre que, por sorte, não se distanciara muito e parara em frente à Catedral de Kazan.

Ele correu para a catedral, abriu caminho em meio a uma fila de velhas mendigas, que tinham os rostos enfaixados por um trapo com dois furos para a vista, e das quais tanto zombara antes, e entrou na igreja. Havia ali poucos devotos, todos em pé ao lado da porta. Kovaliov se sentia tão transtornado que não tinha qualquer condição de rezar e por todos os cantos procurava com os olhos aquele cidadão. Finalmente pôde vê-lo em pé ao lado. O nariz escondia inteiramente seu rosto na grande gola alta e rezava com o maior ar de devoção.

“Como hei de me aproximar dele? — pensava Kovaliov.

— Tudo, o uniforme, o chapéu, tudo mostra que ele é conselheiro de Estado. O diabo sabe como fazê-lo!”

Começou a pigarrear junto dele; mas o nariz não se abstraiu um instante sequer de seu estado de devoção e continuou em suas reverências.

— Meu caro senhor... — Kovaliov procurava forçar o seu íntimo a se animar — meu caro senhor...

— O que é que o senhor deseja? — perguntou o nariz, virando-se para ele.

— Acho estranho, meu caro senhor... parece-me... o senhor deve conhecer o seu lugar. De repente eu o encontro e onde? — na igreja. O senhor há de convir que...

— Desculpe-me, mas não consigo entender o que lhe ocorre dizer... Explique-se.

“Como é que eu vou explicar?” — pensou Kovaliov e, recobrando ânimo, começou:

— Claro, eu... aliás eu sou major. Para mim, convenhamos, não fica bem andar sem nariz. Qualquer uma dessas vendedoras de laranjas descascadas da ponte Voskressênski pode passar sem nariz; porém, tendo em vista receber... ademais, sendo conhecido de muitas damas — Tchekhtiriowa, esposa do conselheiro de Estado, e outras... O senhor mesmo pode julgar... não sei, meu caro senhor... (Aqui Kovaliov deu de ombros). Não leva a mal... se julgarmos essa questão de acordo com as normas do dever e da honra... o senhor mesmo pode entender...

— Não entendo decididamente nada — respondeu o nariz. — Explique-se com mais clareza.

— Meu caro senhor... — Kovaliov falou com senso de dignidade própria — não sei como entender as vossas palavras... Aqui tudo parece evidente... Ou o senhor quer... Ora, o senhor é o meu próprio nariz!

O nariz olhou para o major e franziu ligeiramente as sobrancelhas.

— O senhor está enganado, meu caro senhor. Eu tenho existência própria. E ademais não pode haver nenhuma ligação estreita entre nós. A julgar pelos botões do seu uniforme, o senhor deve servir no Senado ou pelo menos numa instituição jurídica. Quanto a mim, meu trabalho é científico.

Dito isso, o nariz deu as costas e continuou a rezar.

Kovaliov ficou inteiramente confuso, sem saber o que fazer nem muito menos o que pensar. Nesse instante ouviu-se o agradável frufu de um vestido de mulher; uma senhora idosa chegava toda coberta de rendas, acompanhada de uma jovem esbelta, de vestido branco, que moldava graciosamente a sua elegante cintura, de chapéu amarelo-palha, leve como um doce. Um laçao alto, de longas costeletas e uma gola de sete léguas parou atrás delas e abriu a tabaqueira.

Kovaliov chegou-se para mais perto, expôs o colarinho de cambraia da sua camisa, ajeitou os sinetes da corrente de ouro e, sorrindo para os lados, voltou a atenção para a graciosa dama que, qual uma flor primaveril, inclinava-se levemente e levava à frente sua mãozinha branca com os dedos semitransparentes. O sorriso se descortinou ainda mais no rosto de Kovaliov quando ele viu sob aquele chapéu um queixinho redondo de brancura clara e uma parte das faces tingida pela cor da primeira rosa da primavera. Mas de repente ele recuou, como se tivesse pisado em brasa. Lembrou-se que no lugar do nariz não havia nada, e as lágrimas lhe brotaram dos olhos. Voltou-se a fim de dizer à queima-roupa àquele cidadão de uniforme que ele apenas bancava o conselheiro de Estado, mas era um patife e canalha e não passava do nariz do Major Kovaliov... Mas o nariz já não estava ali: conseguira fugir, provavelmente para fazer alguma visita.

Isto deixou Kovaliov desesperado. Voltou e parou por um instante sob a colunata, olhando minuciosamente para todos os lados, tentando enxergar o nariz por ali. Lembrava-se muito bem de que o nariz andava com um chapéu de penacho e um uniforme costurado a ouro; porém não reparou que tipo de capote usava nem a cor da sua caleche, nem os cavalos, nem mesmo se ele levava consigo algum criado e que tipo de libré este usava. Além disso, era tanta caleche, num vaivém tão veloz, que Kovaliov tinha dificuldade até mesmo de fixá-las; e, mesmo que conseguisse identificar alguma delas não teria qualquer meio de fazê-la parar. O dia estava belo e ensolarado. Gente na Nievski era mato; uma florida cachoeira de mulheres espalhava-se por toda a calçada, da ponte Politséyski à Anitchkin. Eis ali o conselheiro civil, conhecido de Kovaliov,

a quem este chamava tenente-coronel, especialmente quando estavam na presença de estranhos. Eis ali o chefe de repartição no senado, Iárijkin, grande amigo, eterno perdedor no jogo de boston. Eis outro major, com título de assessor adquirido no Cáucaso, acenando com a mão para Kovaliov marchar em sua direção...

— Éh, diabo! — disse Kovaliov. — Ei, cocheiro, leve-me diretamente à casa do chefe de polícia!

Kovaliov tomou o fiacre e não parou de gritar ao cocheiro: “Vamos, em disparada!”

— O chefe de polícia está? — foi logo perguntando ao entrar no saguão.

— Não senhor — respondeu o porteiro —, acaba de sair.

— Que azar!

— É verdade — acrescentou o porteiro —, não faz muito mas saiu. Se o senhor tivesse chegado um minuto antes talvez o encontrasse.

Sem tirar o lenço do rosto, Kovaliov tomou o fiacre e gritou com uma voz desesperada: “Vamos!”

— Para onde? — perguntou o cocheiro.

— Em frente!

— Em frente, como? Ali há uma virada: para a direita ou para a esquerda?

Essa pergunta deteve Kovaliov e o obrigou a pensar mais uma vez. Em sua situação devia dirigir-se antes de tudo à Direção de Costumes<sup>1</sup>, não porque essa organização fosse diretamente ligada à polícia, mas porque as suas ordens podiam ser expedidas com muito mais rapidez que em outros lugares; pedir satisfação ao chefe da repartição em que o nariz se proclamara funcionário seria uma insensatez, porque das próprias respostas do nariz já se podia ver que para esse indivíduo não

<sup>1</sup> Departamento de polícia que dirigia alguns assuntos judiciais. Instituídas no governo de Catarina II, as Direções de Costumes foram fechadas por Paulo I e reabertas para Moscou e Petersburgo pelo Imperador Alexandre I. (N. do Editor)

havia nada de sagrado, que neste caso ele podia mentir do mesmo modo que mentira ao afirmar que nunca tivera visto Kovaliov. Pois bem, Kovaliov já estava a ponto de ordenar ao cocheiro que tomasse o rumo da Direção de Costumes quando novamente lhe ocorreu a idéia de que aquele patife e canalha, que no primeiro encontro já se comportara de modo tão descarado, podia aproveitar comodamente a ocasião para dar um jeito de escapar da cidade — e então todas as buscas seriam inúteis ou poderiam continuar, não quisesse Deus, por todo o mês. Finalmente teve uma idéia que pareceu cair do céu. Resolveu dirigir-se diretamente à seção de publicidade de um jornal e publicar antecipadamente um anúncio com uma descrição minuciosa de todas as características do nariz para que qualquer pessoa que o encontrasse pudesse levá-lo imediatamente à sua presença ou pelo menos indicar o local em que ele se encontrava. Tomando essa decisão, ordenou o cocheiro a tomar a direção da seção de publicidade e, durante todo o percurso, não cessou de lhe bater nas costas com o punho, dizendo: “Depressa, seu canalha! depressa, patife!” — “Eh, senhor! — dizia o cocheiro e balançava a cabeça, açoitando com as rédeas o seu cavalo de pêlos tão longos como os de um cão felpudo. O fiacre finalmente parou, e Kovaliov correu ofegante a uma pequena sala de recepção, onde um funcionário de cabelos grisalhos, de óculos e metido num velho fraque, contava moedas de cobre sentado a uma mesa, com uma caneta na boca.

— Quem recebe anúncios aqui? — gritou Kovaliov. — Ah, bom dia!

— Meus respeitos — disse o grisalho funcionário, levantando por um instante o olhar e tornando a baixá-lo sobre o monte de moedas...

— Desejo publicar...

— Faça o favor de esperar um pouco — disse o funcionário, escrevendo números num papel com a mão direita e com os dedos da esquerda acrescentando dois pontos na contagem. Um criado com galões na indumentária e uma aparência de egresso de casa de aristocratas postara-se ao longo da mesa com um papel na mão e achou conveniente mostrar sua condição social:

— Acredite, senhor, o cão não vale oito grívens\*. Por ele eu não daria nem oito *groches*, mas a condessa gosta dele, e gosta mesmo — então, quem encontrá-lo ganhará cem rublos! Cá entre nós, para falar a verdade, os gostos das pessoas são totalmente diferentes: se você é um caçador, arranje um cão sabujo ou um poodle: não tenha pena de pagar quinhentos rublos, pague até mil, contanto que o cão seja bom.

O respeitável funcionário ouvia isso com um ar imponente e ao mesmo tempo calculava quantas letras havia no texto que lhe haviam trazido. De ambos os lados havia um grande número de velhas, empregadas de lojas e porteiros com anúncios. Um dos anúncios dizia que se cedia um cocheiro de comportamento sensato; outro, uma caleche pouco usada, trazida de Paris em 1814; o mesmo anúncio cedía uma criada de dezenove anos, boa lavadeira e apta para outros trabalhos; vendia-se uma sólida caleche, faltando apenas uma mola; um cavalo novo de manchas cinzentas, muito fogoso, de dezessete anos de idade; sementes de rábano e de nabo, chegadas recentemente de Londres; uma casa de campo com todas as suas dependências: dois compartimentos na cocheira para os cavalos e um lugar para plantar um belo jardim de bétulas ou ábetos; havia ainda a oferta de palmilhas velhas, cujos compradores deveriam comparecer ao leilão que se realizava todos os dias das oito da manhã às três da tarde. A sala que comportava toda essa gente era pequena, e o ar que ali se respirava extremamente pesado. Mas o assessor de colégio Kovaliov não podia sentir o cheiro, pois tinha o rosto coberto por um lenço e além disso seu nariz andava só Deus sabe onde.

— Meu caro senhor, permita-me pedir-lhe... Preciso muito — disse finalmente com ansiedade.

— Atendo já! Dois rublos e quarenta e três copeques! Nesse instante! Um rublo e sessenta e quatro copeques! — dizia o senhor grisalho, distribuindo os recibos pelas velhas e por-

\* Moeda de dez copeques na Rússia Antiga (N. do T.).

*Grosb* — moeda antiga equivalente a dois copeques (N. do T.).

teiros. — O que é que o senhor deseja? — perguntou finalmente ele, dirigindo-se a Kovaliov.

— Eu peço... — falou Kovaliov — houve um ato de vigarice ou trapaça, até agora não consigo entender. Peço apenas que publique um anúncio dizendo que aquele que me trouxe esse canalha será bem recompensado.

— O senhor quer ter a bondade de dizer seu nome?

— Não, para que meu nome? Não posso dizê-lo. Tenho muitos conhecidos: Tckekhtiriova, conselheira de Estado, Palaguesia Grigórievna Podtótchina, mulher de um oficial de estado-maior... De repente podem ficar sabendo, Deus me livre! O senhor pode escrever simplesmente: assessor de colégio ou, melhor ainda, pessoa com patente de major.

— E o fugitivo, era vosso servo?

— Qual servo qual nada! Fosse isso a vigarice ainda não seria tão grande! Quem fugiu de mim foi meu... nariz...

— Hum! Que nome estranho! E foi grande a soma que esse senhor Narízov lhe roubou?

— Nariz... não, não é isso que o senhor está pensando! Nariz, bem, foi o meu próprio nariz que desapareceu não se sabe onde. O diabo achou de fazer uma brincadeira comigo!

— Mas de que jeito ele desapareceu? Não consigo entender lá muito bem.

— Bem, eu não posso lhe dizer de que jeito; o pior é que ele anda pela cidade dizendo-se conselheiro de Estado. É por isso que lhe peço que publique o anúncio para que a pessoa que o agarrar possa trazê-lo o mais rápido possível à minha presença. O senhor mesmo pode julgar de que jeito eu poderia passar sem uma parte tão visível do corpo. Não é o mesmo que ficar sem um dedo mínimo do pé, que sempre trago metido na botina e ninguém notará a sua falta. As quintas-feiras vou à casa de Tckekhtiriova, conselheira de Estado; Palagueia Grigórievna Podtótchina é mulher de um oficial superior e tem uma filha muito bonitinha, também são bons amigos. O senhor mesmo pode julgar como é que agora eu posso... Agora não posso aparecer em casa delas.

O empregado caiu em profunda meditação, o que significava comprimir fortemente os lábios.

— Não, não posso pôr um anúncio como esse no jornal

— disse finalmente depois de uma longa pausa.

— Como? Por quê?

— Por nada. O jornal pode perder a reputação. Se qualquer um se meter a escrever, dizendo que foi abandonado pelo nariz, então... E mesmo assim já andam dizendo que se publicam muitos absurdos e falsos rumores.

— Mas o que é que há de absurdo no meu caso? Não acho que haja nada semelhante.

— O senhor pode achar que não. Mas ainda na semana passada houve um caso igualzinho a esse. Apareceu um funcionário do mesmo jeito que o senhor acaba de aparecer, trazendo um anúncio que custou dois rublos e setenta e três copeques para dizer apenas que tinha desaparecido um podle de pêlos negros. Até aqui parece não haver nada de extraordinário. No entanto saiu um pasquim: o tal do poodle era o tesoureiro não me lembro de que repartição

— Mas acontece que eu não estou publicando anúncio de poodle mas do meu próprio nariz: logo, é quase a mesma coisa que falar de mim mesmo.

— Não, esse anúncio eu não posso publicar de jeito nenhum.

— Mas se o meu nariz realmente desapareceu!

— Se desapareceu, é assunto para um médico. Dizem que há pessoas capazes de colocar qualquer tipo de nariz. Mas, como estou percebendo, o senhor deve ser um homem de gênio alegre e gosta de fazer brincadeiras em sociedade.

— Juro por tudo quanto é sagrado! Bem, já que a coisa chegou a esse ponto, eu lhe mostrarei.

— Para que se preocupar! — continuou o empregado, cheirando tabaco. — Aliás, se não for incômodo —, acrescentou com ar de curiosidade — gostaria de ver.

O assessor de colégio tirou o lenço do rosto.

— Realmente, uma coisa demasiado estranha! — disse o empregado — O lugar está completamente plano, como uma broa que acaba de ser assada. É, incrivelmente plano!

— E então, ainda vai discutir? O senhor mesmo está vendo que não pode deixar de publicar. Eu lhe ficarei muitíssimo grato e bastante satisfeito por este caso me haver proporcionado o prazer de conhecê-lo...



Como se vê, desta vez o major resolveu bancar o vilão. — É claro, publicar é coisa simples — disse o funcionário —, só que não consigo prever nada de proveitoso para o senhor. Se é que o senhor realmente deseja, então mande algum mestre da pena descrever isso como uma obra-prima da natureza e publicar em artigo na *Siévernaia Ptchelá\** (aqui ele tornou a cheirar tabaco) para proveito da juventude (aqui ele limpou o nariz), ou apenas para a curiosidade pública.

O assessor de colégio ficou completamente desesperado. Baixou os olhos na parte inferior do jornal, nos anúncios teatrais; já estava a ponto de esboçar um sorriso no rosto ao ver o nome de uma atriz muito bonitinha e sua mão já se metia no bolso a fim de procurar uma nota azul — porque Kovaliov achava que os oficiais superiores deviam sentar-se em poltronas —, mas a lembrança que teve do nariz estragou tudo!

Parecia que o próprio funcionário estava comovido diante da difícil situação de Kovaliov. Procurando aliviar um pouco a amargura do assessor, achou conveniente externar em algumas palavras a sua compaixão: “Em verdade lamento profundamente que essa anedota tenha acontecido com o senhor. O senhor não gostaria de cheirar um rapezinho? Serve para desfazer as dores de cabeça e as situações aflitivas; é bom até para hemorróidas.

Dito isto, o funcionário estendeu a tabaqueira a Kovaliov, pondo com bastante agilidade debaixo dela a tampa com o retrato de uma dama de chapéu. Essa atitude involuntária fez Kovaliov perder a paciência. “Não entendo como o senhor acha motivo para brincadeira — disse ele, irritado —, por acaso não está vendo que estou exatamente sem aquilo com que se pode cheirar? O diabo carregue o seu tabaco! Agora nem posso vê-lo, e não só o seu detestável tabaco Beriózkin; nem que me trouxesse o próprio rapé. Dito isto, saiu profundamente amargurado e rumou em direção à casa do chefe distrital de polícia, grande apreciador de açúcar. A sala de frente de sua

\* Jornal político e literário russo que foi editado em Petersburgo de 1825 a 1864. Publicava matérias sobre os mais diversos assuntos (N. do. T.).

casa, que era também sala de jantar, estava enfeitada de broi-nhas de açúcar, presenteadas por comerciantes como prova de amizade. Nessa ocasião a cozinheira tirava as botas do chefe de polícia; a espada e toda a armadura militar já se achavam tranqüilamente penduradas pelos cantos, o filho de três anos já tocava o temível chapéu tricorne, e ele, depois de uma vida de guerras e combates, preparava-se para sentir o gosto da tran-qüilidade.

Kovaliov entrou no momento em que o chefe de polícia se espreguiçava e grasnava, dizendo: “Ah, que bela soneca vou tirar!” Por isso dava para prever que a chegada do assessor de colégio era totalmente inoportuna. Não sei se Kovaliov teria uma acolhida lá muito alegre, apesar de lhe haver trazido algumas libras de chá e cortes de tecido em outras ocasiões. O comissário era grande incentivador de todos os tipos de arte e manufatura, mas preferia acima de tudo os papéis-moeda. “É uma coisa — dizia sempre — não, não há coisa melhor do que essa: não come, ocupa pouco espaço, sempre cabe no bolso, se você deixar cair — não se quebra.”

O comissário recebeu Kovaliov com bastante frieza, di-zendo que depois do almoço não era hora de fazer investiga-ção, que a própria natureza havia determinado um pouco de descanso depois que a pessoa enchia a pança (pelo que o as-sessor de colégio podia perceber, o comissário não ignorava as máximas dos sábios da Antiguidade), que ninguém ia arran-car o nariz de um homem de bem e que no mundo havia to-da espécie de majores que não tinham nem a roupa de baixo em estado de decência e andavam enfiados em tudo quanto era lugar indecente.

Foram coisas ditas sem rodeios, à queima-roupa! É preci-so salientar que Kovaliov era uma pessoa muito sensível. Era capaz de perdoar tudo o que se dissesse de sua pessoa, porém jamais perdoava quando se tratava de patente ou título. Ad-mitia inclusive que nas peças de teatro se deixasse passar tudo o que se referisse aos oficiais, porém, não se devia jamais ata-car os oficiais superiores. Ademais, o comissário deixou-o tão confuso que ele falou com senso de dignidade pessoal, abrin-do um pouco os braços: “Confesso que, depois de observa-

ções tão ofensivas da vossa parte, nada tenho a acrescentar” — e saiu.

Chegou em casa mal sentindo as pernas. Já estava escuro. Depois de todas essas buscas frustradas, o apartamento lhe parecia triste ou ruim demais. Ao entrar na sala de frente, viu o criado Ivan reclinado no sofá de couro manchado, atirando cusparadas no teto e acertando com bastante sucesso no mesmo lugar. Essa indiferença deixou-o furioso; bateu-lhe na testa com o chapéu, acrescentando: “Seu porco, estás sempre fazendo besteiras!”

Ivan saltou repentinamente do seu lugar e atirou-se a toda pressa para lhe tirar o capote.

Entrando em seu quarto cansado e triste, o major deixou-se cair numa poltrona e, depois de alguns suspiros, disse finalmente:

“Meu Deus! Meu Deus! Por que tanta infelicidade? Estivesse eu sem um braço ou sem uma perna — tudo estaria melhor; estivesse eu sem orelhas — seria horrível porém suportável; mas um homem sem nariz — só o diabo sabe o que é: nem ave nem cidadão; um troço que se pode pegar e atirar pela janela! Tivesse ficado sem ele na guerra ou num duelo, ou se eu mesmo tivesse dado motivo; mas não, perdi-o sem quê nem pra quê, em vão, a troco de nada! ... Não, não pode ser — acrescentou ele depois de uma breve meditação. — É incrível que o nariz tenha desaparecido; de jeito nenhum pode ser possível. A verdade é que ou eu estou sonhando ou com alucinações; talvez eu tenha cometido um erro e, ao invés de beber água, bebi aquela aguardente que passo no rosto depois de fazer a barba. O idiota do Ivan não retirou o frasco e eu acabei mesmo bebendo.” E, para realmente se certificar de que não estava bêbado, o major se golpeou com tanta força que chegou a gritar. Essa dor lhe assegurou por completo que ele não estava sonhando mas vivendo e agindo. Chegou-se lentamente ao espelho e franziu inicialmente os olhos, pensando que por obra do acaso o nariz aparecesse no seu lugar; porém recuou no mesmo instante, dizendo: “Que cara horrorosa!”

Realmente, não dava mesmo para entender. Se tivesse perdido um botão, uma colher de prata, um relógio ou algo semelhante, ainda vá lá; mas perder logo o quê e ainda por ci-

ma em seu próprio apartamento!... Medindo todas as circunstâncias, o Major Kovaliov por pouco não chegou o mais perto possível da verdade, ao admitir que a culpada de tudo isso não era outra pessoa senão a mulher do oficial superior, Padtótchina Grigórievna, que queria vê-lo casado com sua filha. Ele mesmo gostava de cortejá-la, porém evitava o desfecho do assunto. E, quando a mulher do oficial lhe anunciou sem rodeios que queria lhe dar sua filha em casamento, ele foi saindo de fininho com seus cumprimentos, alegando que ainda estava jovem e que precisava servir mais uns cinco anos, quando então completaria quarenta e dois anos. E era por isso que a mulher do oficial superior resolvera deformá-lo para se vingar, contratando para isso alguma feiticeira, pois não havia meio de se admitir que o nariz tivesse sido cortado: ninguém entrava em seu quarto, o barbeiro Ivan Rietróvitch o barbeava às quartas-feiras e durante toda a quarta-feira e inclusive a quinta o nariz permaneceria inteiro — isso ele entendia e muito bem; além disso, sentiria dor e não havia dúvida de que o ferimento não podia sarar com tanta rapidez e ficar plano como uma broa. Imaginava planos: levar a mulher do oficial ao tribunal por via formal ou ir pessoalmente à casa dela e desmascará-la. Suas reflexões foram interrompidas pela luz que penetrou por todas as fendas das portas; dando conta de que Ivan já havia acendido a vela na sala da frente. Logo apareceu o próprio Ivan, trazendo consigo a vela e iluminando todo o quarto. O primeiro movimento de Kovaliov foi pegar o lenço e cobrir o lugar em que até ontem ainda houvera um nariz, para evitar que aquele bobo ficasse boquiaberto ao ver tamanha esquisitice no senhor.

Ivan nem teve tempo de sair para o seu cubículo, quando ouviu na sala de frente uma voz desconhecida perguntar: “É aqui que mora o assessor de colégio Kovaliov?”

— Pode entrar. O Major Kovaliov está aqui — disse Kovaliov, precipitando-se e abrindo a porta.

Entrou um funcionário de polícia de bonita aparência, de costeletas nem muito claras nem escuras, bastante bochechudo, o mesmo que no começo da novela se encontrava no extremo da ponte Issakievski.

— Foi ao senhor que ocorreu perder o nariz?

— Eu mesmo.

— Ele foi encontrado.

— O que é que o senhor está dizendo? — gritou o Major Kovaliov. A alegria o fez perder a fala. Ficou olhando para o guarda postado em sua frente. A luz trêmula da vela cintilava clara nos lábios e nas faces do visitante. — De que maneira?

— Um caso estranho: foi apanhado já quase viajando. Já estava na diligência e se dispunha a partir para Riga. Já estava até de passaporte pronto, com o nome de um certo funcionário. E o esquisito é que inicialmente eu o tomei por um cidadão. Mas por sorte eu estava de óculos e no mesmo instante percebi que era um nariz. Acontece que eu sou míope; se o senhor estiver diante de mim noto apenas que o senhor tem rosto mas não percebo barba, nariz, nada. Minha sogra, isto é, a mãe da minha mulher, também não enxerga nada.

Kovaliov estava que não cabia em si.

— Onde está ele? Onde? Vou sair correndo.

— Não se preocupe. Sabendo que o senhor precisava dele, eu o trouxe comigo. E o que é estranho é que o principal culpado de tudo isso é o vigarista do barbeiro da rua Voznies-sênski, que neste momento está na delegacia de polícia. Há muito tempo eu vinha desconfiando de que ele era bêbado e ladrão, e há três dias roubou de um armarinho uma dúzia de botões. O nariz do senhor está exatamente como era. — Aqui o policial meteu a mão no bolso e tirou o nariz embrulhado num papel.

— É ele! — gritou Kovaliov — ele mesmo! — Tome uma xícara de chá comigo hoje.

— Para mim seria um grande prazer, mas não posso de modo algum: daqui eu devo ir ao reformatório... O custo de vida subiu muito para todos os gêneros alimentícios... A minha sogra, isto é, a mãe da minha mulher, mora comigo; os meus filhos também. O mais velho é especialmente muito promissor. É um garoto muito inteligente, mas não tenho qual-quer recurso para educá-lo.

Kovaliov adivinhou e tirou da gaveta uma nota vermelha, metendo-a na mão do guarda. Este fez reverência, saiu, e quase no mesmo instante Kovaliov já o ouvia branindo com

um mujique bobo que no justo momento entrava no bulevar com a sua carroça.

Depois da saída do guarda, o assessor de colégio permaneceu alguns minutos numa situação indefinida e só a custo lhe foi possível ver e sentir minutos mais tarde: a inesperada alegria o fez cair nesse esquecimento. Tomou cuidadosamente nas duas mãos o nariz encontrado e tornou a examiná-lo atentamente.

“É ele, ele mesmo! — dizia o Major Kovaliov. — Aqui está a espinha que ontem apareceu no lado esquerdo”. — O major por pouco não riu de alegria.

Mas no mundo não há nada duradouro, e por isso a alegria no segundo minuto já não é tão viva como no primeiro; no terceiro minuto ela se torna ainda mais fraca e por fim se funde insensivelmente com o estado habitual da alma, como as ondas que se formam n'água com a queda de uma pedra e se fundem com a superfície. Kovaliov começou a refletir e percebeu que o assunto ainda não chegara ao fim: o nariz havia sido encontrado, no entanto era necessário colá-lo, colocá-lo no seu lugar.

“E se ele não aderir?”

Diante dessa pergunta feita a si mesmo, o major empalideceu.

Sentindo um pavor inexplicável, ele se lançou sobre a mesa e puxou o espelho em sua direção para não acabar colocando o nariz em posição oblíqua. Suas mãos tremiam. Colocou-o com cuidado e cautela no lugar anterior. Que horror! O nariz não aderiria!... Levou-o à boca, aqueceu-o levemente com sua respiração e levou-o ao lugar plano situado entre as duas faces; mas não havia jeito para o nariz se fixar.

“Ah, vamos lá! firma-te, imbecil!” — dizia Kovaliov ao nariz. Mas o nariz parecia de madeira e caía na mesa fazendo um ruído tão estranho que dava a impressão de uma rolha. O major torcia convulsivamente o rosto. “Será possível que ele não se fixe? — dizia ele assustado.” Porém, por mais que o major levasse o nariz ao seu próprio lugar, seus esforços continuavam inúteis.

Chamou Ivan e mandou que ele fosse chamar o médico, que morava no melhor apartamento do mesmo prédio, na so-

breloja. Esse médico era um homem de boa aparência, usava belas costeletas, tinha uma mulher nova e sadia, comia maçãs frescas ao amanhecer e mantinha a boca numa limpeza incomum, gargarejava durante quase quatro horas pela manhã e escovava os dentes com cinco escovas diferentes. O médico veio no mesmo instante. Perguntando se há muito havia se dado a desgraça, ele ergueu o queixo de Kovaliov e lhe deu com o médio um piparote no lugar em que antes existia o nariz, de sorte que o major teve de voltar a cabeça para trás com tanta força que bateu de nuca na parede. O médico achou que isso não era nada e, depois de aconselhá-lo a se afastar um pouco da parede, ordenou que ele voltasse a cabeça inicialmente para a direita e, apalpando o lugar em que antes havia o nariz, disse: “Hum!” Depois ordenou que ele voltasse a cabeça para a esquerda, dizendo: “hum” e para concluir deu-lhe mais um piparote com o dedo médio, de sorte que o Major Kovaliov sacudiu num repelão a cabeça como um cavalo a quem se olham os dentes. Depois desse teste, o médico meneou a cabeça, dizendo:

— Não, não é possível. É melhor que o senhor fique assim mesmo, porque pode provocar coisa ainda pior. É verdade que se pode colá-lo; provavelmente eu o colaria agora mesmo; mas asseguro que isso é pior para o senhor.

— Ah, é assim! E como é que vou ficar sem nariz? Pior do que está é que não pode ficar. O diabo sabe que troço é esse! Onde é que eu vou aparecer com essa hediondez? Sou um homem de boas amizades: hoje mesmo devo ir a festas em duas casas. Tenho muitos conhecidos: a mulher do conselheiro de Estado, Tchekhtiriova, a mulher de um oficial superior, Padtótchina... se bem que depois desse acontecimento de hoje não tenho outro assunto a tratar com ela que não seja caso de polícia. Faça-me um favor; — Kovaliov falou com voz suplicante —, será que não existem recursos? Dê um jeito de colá-lo, doutor! Não importa que saia mal, o importante é segurar. Em caso de perigo posso até segurá-lo com a mão. Por isso não vou nem dançar para não danificá-lo com algum movimento impensado. No que se refere ao agradecimento pelas suas visitas, pode estar certo de que o quanto as minhas posses permitirem...

— Pode acreditar — disse o médico em voz nem alta nem baixa, porém extremamente amistosa e magnética —, pode acreditar que eu nunca trato por interesse. Isso contraria os meus princípios e a minha arte. É verdade que eu cobro pelas visitas, porém o faço exclusivamente para não ofender com a minha recusa. Eu naturalmente colocaria o seu nariz no lugar; porém, juro pela minha honra, já que o senhor não acredita na minha palavra, que isso lhe será muito pior. É melhor deixar a coisa à mercê da própria natureza. Lave o local mais freqüentemente com água fria e lhe garanto que, mesmo sem nariz, o senhor será tão sadio quanto se o tivesse. Quanto ao nariz, aconselho metê-lo num frasco com álcool ou, o que é melhor ainda, botar duas colheres de sopa de vodka bem forte e vinagre requentado — e ~~então o senhor pode conseguir bom dinheiro por ele. Eu mesmo posso comprá-lo, desde que o senhor não peça muito dinheiro.~~

— Não, não! Não o venderei por nada deste mundo! — gritou desesperado o Major Kovaliov — prefiro que o diabo o carregue.

— Desculpe! — disse o médico, esquivando-se — eu queria lhe ser útil. O que é que posso fazer! Pelo menos o senhor viu o meu empenho.

Dito isto, o médico deixou o quarto com ar de nobreza. Kovaliov nem chegou a lhe notar o rosto; em seu profundo estado de inconsciência via apenas as mangas da camisa branca e limpa como a neve apontando sob as mangas do fraque preto.

No dia seguinte, antes de apresentar queixa, resolveu escrever à viúva do oficial, para saber se ela não estaria disposta a lhe entregar sem luta aquilo que lhe devia. A carta tinha o seguinte teor:

*“Minha cara senhora Alieksandra Grigórievna!*

*Não posso entender a estranha atitude da vossa parte. Podeis estar certa de que, agindo dessa maneira, nada obtereis e não me forcareis em absoluto a desposar a vossa filha. Acreditai que a história do meu nariz é do meu total conhecimento,*



*assim como o fato de não ser outra pessoa senão vós mesma a principal culpada. O seu inesperado desmembramento do devido lugar, a fuga e o mascaramento, ora usando o disfarce de um certo funcionário ou finalmente em sua verdadeira face, são nada mais nada menos que o resultado das feitiçarias praticadas por vós ou por aqueles que, à vossa semelhança, exercem esse nobre ofício. No que a mim diz respeito, considero meu dever levar ao vosso conhecimento que, se o nariz a que me refiro não voltar hoje mesmo ao seu devido lugar, serei forçado a recorrer à defesa e à proteção da lei.*

*Mantendo, por outro lado, os meus protestos de absoluto respeito, tenho a honra de ser vosso humilde servo.*

*“Platon Kovaliov.”*

Em resposta, recebeu este bilhete:

*“Meu caro senhor Platon Kuzmitch!”*

*Fiquei extremamente apreensiva com a vossa carta. Confesso-vos com toda franqueza que em hipótese alguma eu esperava tal coisa e muito menos no que se refere às injustas censuras da vossa parte. Previno-vos que nunca recebi em minha casa o funcionário ao qual vos referis, seja sob disfarce ou sob sua verdadeira face. É bem verdade que recebi Filipe Ivânovitch Potântchikov em minha casa. E, embora ele realmente pretendesse a mão da minha filha e fosse um homem de comportamento sensato e de grande erudição, eu jamais lhe dei qualquer esperança. Vós ainda vos referis a um certo nariz. Se quereis dizer com isso que eu tenha pretendido deixá-lo de nariz comprido, isto é, negado formalmente o vosso pedido, fico surpresa que sejais vós mesmo a falar de tal coisa, pois, o quanto sabeis, sempre fui de opinião totalmente oposta, e, se agora vós pedis oficialmente a mão da minha filha, estou disposta a satisfazer nesse*

*mesmo instante o vosso pedido, pois isto sempre foi objeto do meu mais ardente desejo, na esperança do que fico sempre à vossa disposição.*

*Alieksandra Podtótchina.*

“Não — dizia Kovaliov ao ler a carta. — Ela não é mesmo culpada. Não pode ser! Uma pessoa culpada de crime não pode escrever uma carta da maneira como esta foi escrita.” O assessor de colégio era perito no assunto, porque várias vezes havia sido encarregado de instruir processos quando ainda vivia no Cáucaso. “De que modo, por que cargas d’água isso foi acontecer? Só o diabo sabe!” — disse finalmente, baixando os braços.

Enquanto isso os rumores desse acontecimento fora do comum corriam por toda a capital e, como sempre acontece, não faltou quem exagerasse bastante. Naquele momento todas as mentes estavam sensíveis justamente a coisas extraordinárias: ainda eram bem recentes as experiências de magnetismo que haviam dominado toda a cidade<sup>2</sup>. E além disso a história das cadeiras que dançavam na rua Koniúchennaia ainda estava bem fresca, não sendo por isso de admirar que logo se começasse a dizer que o nariz do assessor Kovaliov passeava pela avenida Nievski exatamente às três da tarde. Era enorme o número de curiosos que afluía todos os dias ao local. Alguém disse que o nariz se encontrava na loja Junker<sup>3</sup>; e ao longo da Junker juntou-se uma multidão tão grande e o empurra-empurra foi tal que se fez necessária a intervenção da polícia. Um especulador, de aspecto respeitável e longas costeletas, que vendia à entrada dos teatros uma variedade de doces secos fez propositalmente magníficos e sólidos bancos de madeira, nos quais os curiosos podiam subir pagando como alu-

<sup>2</sup> Gógol faz uma insinuação à prática do magnetismo com animais, muito comentada pela imprensa em 1832.

<sup>3</sup> Loja da moda na Nievski

guel oitenta copeques por pessoa. Um emérito coronel saiu propositalmente de casa mais cedo e com grande dificuldade abriu caminho por entre a multidão; porém, para a sua grande indignação, ao invés do nariz, viu na vitrine da loja um vulgar colete de flanela e um quadro litografado em que aparecia uma jovem ajeitando as meias, enquanto um elegante senhor de barbicha e colete a espreitava por trás de uma árvore — o quadro já estava há mais de dez anos no mesmo lugar. Afastando-se, ele disse aborrecido: “Como é possível confundir o povo com rumores tão idiotas e inverossímeis?”

Depois correram rumores de que não era na Nievski mas no jardim Távritcheski que passeava o nariz do Major Kovaliov, de que ele já estava ali há muito tempo, desde os tempos em que Hozrev-Mirza<sup>4</sup> ali vivia e muito se admirava com essa esquisita brincadeira da natureza. Alguns estudantes da Academia de Cirurgia marcharam para lá. Uma dama nobre e respeitável pediu em carta especial ao vigia do jardim para mostrar aos filhos dela esse fenômeno raro e, se possível, com uma explicação ilustrativa e edificante para os jovens.

Todos esses acontecimentos deixaram extremamente alegres todos os mundanos, freqüentadores inveterados de reuniões, que gostavam de divertir as damas, que já não tinham tantos motivos para rir. Uma pequena parcela de pessoas respeitáveis e bem intencionadas estava extremamente descontente. Um senhor falou indignado, dizendo que não entendia como no nosso século ilustrado se podiam difundir invenções absurdas e que estava apreensivo por que o governo não dava atenção ao fato. Como se vê, esse cidadão era daqueles que gostariam de meter o governo em tudo, inclusive em suas brigas diárias com a mulher. Em seguida... bem, aqui a história torna a ser envolvida pela nebulosidade, ignorando-se decididamente o que aconteceu depois.

<sup>4</sup> Príncipe persa: chefiou a delegação diplomática que chegou à Rússia em agosto de 1829, por motivo do assassinato, na Pérsia, de A. S. Griboiédov, embaixador russo. Hozrev-Mirza foi recebido solenemente em Petersburgo e hospedado no Palácio Távritcheski (N. do T.)

No mundo acontecem bobagens absolutas. Às vezes simplesmente não há qualquer verossimilhança: de repente o mesmo nariz que andou viajando com o título de conselheiro de Estado e deu tanto o que falar pela cidade acha de reaparecer no seu lugar, isto é, exatamente entre as duas faces do Major Kovaliov, como se nada tivesse acontecido. Isso ocorreu já no dia sete de abril. Despertando e olhando-se casualmente no espelho, o major vê: o nariz! pega-o com a mão — o nariz mesmo! “He! He!” — exclama Kovaliov com tamanha alegria que quase sai dançando por todo o quarto; mas a chegada de Ivan o atrapalhou. Mandou no mesmo instante trazer água para se banhar e, ao banhar-se, tornou a olhar-se no espelho: o nariz! Enxugando-se com a toalha, tornou a se olhar no espelho: o nariz!

— Olha aqui, Ivan, parece que estou com uma espinha no nariz —, disse ele e ficou ao mesmo tempo pensando: “Vai ser uma desgraça se Ivan disser: nada disso, senhor: além de não ter nenhuma bolha o senhor nem nariz tem!”

Mas Ivan disse:

— Não, não tem espinha nenhuma: o nariz está limpo!

“Que bom, que beleza!” — disse consigo o major e estalou os dedos. Nesse momento o barbeiro Ivan Iákovlievitch espiou pela porta; mas o fez muito timidamente, como um gato que acaba de ser castigado por roubo do toucinho.

— Vá logo dizendo: está com as mãos limpas? — gritou ainda de longe Kovaliov.

— Estou.

— Mentira!

— Juro que estão limpas, senhor.

— Vê lá!

Kovaliov sentou-se. Ivan Iakovlievitch o cobriu com uma toalha e, com a ajuda de um pincel, transformou num instante toda a sua barba e parte das faces num creme semelhante ao que se serve nas casas dos comerciantes em dias de aniversário. “Você, hem!” — disse lá com seus botões Ivan Iákovlievitch, olhando para o nariz, e depois virou a cabeça para o

lado oposto e o fitou de perfil. — “Ei-lo! Na verdade, quando penso que...” — continuou e observou longamente o nariz. Por fim levantou dois dedos com suavidade, com todo o cuidado que se possa imaginar, a fim de levantar a ponta do nariz, pois esse era o sistema de Ivan Iákovlievitch.

— Ei, vê lá o que vai fazer! — gritou Kovaliov.

Ivan Iákovlievitch ficou com o coração na mão, pasmou e desconcertou-se como nunca se havia desconcertado. Finalmente começou a coçá-lo debaixo do queixo com a navalha e, embora sentisse dificuldade e não lhe fosse nada fácil barbear um cliente sem se apoiar na parte cheiradora do corpo, mesmo assim deu um jeito de acomodar o seu rugoso polegar na face e na gengiva inferior de Kovaliov, vencendo por fim todos os obstáculos e conseguindo barbeá-lo.

Já de barba feita, Kovaliov apressou-se em pôr a roupa, tomou uma fiacre e rumou diretamente para a confeitaria. Ao entrar, foi gritando: “Rapazinho, uma xícara de chocolate!” — e chegou-se no mesmo instante ao espelho: o nariz está aqui. Voltou-se alegre e franziu com ar zombeteiro o olhar, observando dois militares, um dos quais tinha o nariz exatamente do tamanho de um botão de colete. Depois foi à chancelaria do departamento em que pleiteava um lugar de vice-governador ou, caso fracassasse, de administrador. Ao passar pela sala de recepção olhou-se no espelho: o nariz está aqui. Em seguida foi visitar outro assessor de colégio ou major, grande zombador, a cujas provocações sempre respondia, dizendo: “Logo você, eu o conheço, seu língua viperina!” A caminho pensou. “Se o major não explodir de rir ao me ver é um sinal evidente de que tudo está no seu devido lugar. Mas o assessor de colégio não ligou. “Não importa, que se dane tudo!” — pensou consigo o Major Kovaliov. Encontrou Podtótchina, mulher do oficial superior, acompanhada da filha, cumprimentou-as com reverência e foi recebido com alegres exclamações, logo, não apresentava qualquer dano. Conversou longamente com elas e, tirando deliberadamente do bolso a tabaqueira, encheu diante delas e bem demoradamente ambos os portões do seu nariz, dizendo lá com seu botões: “Veja só, mulher, cérebro de galinha! Não vou mesmo me casar com a sua filha. Simplesmente *par amour* — tenha a santa paciência!”

Desde então o Major Kovaliov andou pela avenida Nievski, pelos teatros e por toda parte como se nada tivesse acontecido. E o nariz, também como se nada tivesse acontecido, esteve em seu rosto, sem dar nem sequer a impressão de que havia andado errante. E depois o Major Kovaliov era visto eternamente de bom humor, sorridente, perseguindo sempre todas as mulheres bonitas e inclusive parando certa vez diante de uma barraca no Gostini Dwor\* e comprando fita para uma certa medalha, não se sabe por que motivos, pois ele mesmo não era cavaleiro de nenhuma ordem.

Eis a história que aconteceu na capital do norte do nosso vasto Estado! Só agora é que, considerando tudo, vemos que nela há muito de inverossímil. Já sem falar de que é realmente estranha a separação sobrenatural do nariz e a sua aparição em diferentes lugares sob o disfarce de conselheiro de Estado — como é que Kovaliov não percebeu que não podia anunciar na imprensa o desaparecimento do nariz? Não estou falando no sentido de achar cara a publicação do anúncio: isso seria absurdo e nada tenho a ver com as pessoas ambiciosas. Mas isso é indecente, torpe, inconveniente! E depois — como o nariz achou de aparecer no pão assado e como o próprio Ivan Iákovlievitch?... não, isso não posso entender, decididamente não entendo! Porém o mais estranho, o mais incompreensível é como certos autores podem escolher semelhantes temas. Confesso que isso é simplesmente inconcebível, é exatamente... não, não, é impossível entender. Em primeiro lugar, a pátria não ganha absolutamente nada com isso; em segundo... e em segundo lugar também não há qualquer vantagem. Simplesmente não entendo o que isso...

Entretanto, apesar de tudo, embora, é claro, se possa admitir isso, aquilo e aquilo outro, pode ser até... bem, e onde é que não acontecem absurdos? — Mesmo assim é só pensar um pouco para ver que em tudo isso há alguma coisa. Digam o que disserem, mas histórias como essa acontecem pelo mundo; raramente, mas acontecem.

\* Grande centro comercial de Petersburgo na época de Gógol (N. do T.).